

Arte, Tatuagem e Narrativas Pessoais – Um Encontro Entre Design e Identidade

Aísha Rios Duarte¹

Felipe Grassine de Oliveira²

A tatuagem, prática ancestral presente em diversas culturas, ultrapassa os limites da estética para se afirmar como linguagem simbólica, espiritual e identitária. Este artigo propõe compreender a tatuagem como dispositivo de narrativa e escuta, articulando o campo do design gráfico e da ilustração com metodologias afetivas e colaborativas de criação. A pesquisa parte de um processo autoral que envolve escuta ativa, coautoria e tradução simbólica de histórias de vida em imagens gráficas aplicadas tanto na pele quanto no papel. A partir do cruzamento entre arte, corpo e narrativa, o estudo propõe uma reflexão sobre o design enquanto prática de cuidado e mediação simbólica, um campo capaz de transformar experiências pessoais em artefatos visuais de memória e afeto. O artigo integra perspectivas antropológicas sobre o corpo como suporte de identidade e memória, explorando como a tatuagem pode ser compreendida como forma de autobiografia visual e expressão de resistência subjetiva.

Palavras-chave: design gráfico; tatuagem; identidade; narrativa; antropologia do corpo.

1. Introdução

O presente artigo nasce do entrelaçamento entre vivências pessoais e inquietações acadêmicas que atravessam o campo do design e da antropologia. Ao longo da história, o corpo tem sido suporte para marcas simbólicas, linguagens e identidades, e a tatuagem, nesse contexto, figura como um dos mais antigos e potentes dispositivos de expressão humana.

Em sua origem, tatuar o corpo era um gesto de pertencimento, espiritualidade e memória coletiva. Povos de diferentes regiões do mundo inscreviam na pele signos de proteção, ritos de passagem e narrativas comunitárias. Contudo, com o avanço da colonização e o olhar

¹ Graduação em Design na Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Design (PPDESDI) e Docente de Design do departamento de Produto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

normativo ocidental, tais práticas foram deslegitimadas e associadas à marginalidade. No contexto contemporâneo, a tatuagem ressurge como uma forma de narrar e reivindicar subjetividades, tornando-se um gesto político e estético de afirmação de si.

Este trabalho propõe compreender a tatuagem não apenas como arte visual, mas como um **processo de escuta e coautoria**, onde a criação da imagem emerge do encontro entre artista e participante. A pesquisa desenvolvida explora as relações entre **design gráfico, ilustração e tatuagem** como práticas de mediação simbólica e construção de narrativas pessoais.

A autora, enquanto designer e tatuadora, posiciona-se como parte do processo — não como observadora neutra, mas como sujeito implicado. A partir de metodologias sensíveis e de base etnográfica, o artigo propõe discutir como o ato de tatuar pode ser compreendido como gesto de cuidado, escuta e reconstrução identitária.

O tema se insere no campo das **antropologias do corpo e das sensibilidades**, dialogando com autores como **Geertz (1978)**, **Kilomba (2019)** e **bell hooks (2017)**, que defendem a importância da implicação subjetiva e da narrativa como formas de produção de conhecimento. No âmbito do design, apoia-se em **Grassine (2023)**, **Quental (2009)** e **Manzini (2015)** para refletir sobre o papel do design como prática expandida e ética.

O problema central que orienta esta pesquisa é: **como transformar histórias de vida em imagens simbólicas, capazes de se inscrever no corpo de forma ética, sensível e representativa?** E, mais amplamente, **como o design pode operar como mediador entre narrativa, escuta e visualidade, transformando memórias em arte?**

O objetivo geral é **explorar a intersecção entre design, tatuagem e narrativas pessoais** como campo de criação simbólica e antropológica. Especificamente, busca-se:

- Investigar a tatuagem como forma de autobiografia visual e expressão identitária;
- Refletir sobre o papel do design como mediador entre escuta e imagem;
- Analisar o processo de coautoria entre artista e participante;
- E compreender a prática da tatuagem como gesto ético e relacional, que transforma o corpo em suporte de memória e afeto.

A relevância desta pesquisa está em propor um olhar crítico e sensível sobre o design contemporâneo, compreendendo-o não apenas como técnica visual, mas como linguagem de escuta e mediação cultural.

2. Tatuagem, Corpo e Identidade: Perspectivas Antropológicas e Visuais

A tatuagem acompanha a humanidade desde tempos imemoriais. De acordo com Pavan e Annibal (2022), as marcas corporais são “imagens e sons do tempo vivido”, expressando experiências que se fixam no corpo como memória encarnada. Antes de ser moda ou adorno, tatuar-se foi, e ainda é, uma forma de narrar pertencimentos, registrar passagens e inscrever identidades no território da pele.

Em diversas culturas ancestrais, como entre os **maoris**, os povos **Kayabi** ou as **comunidades do Sudeste Asiático**, a tatuagem é compreendida como linguagem espiritual e social. Cada traço, forma ou posição no corpo traduz uma história coletiva, um rito de passagem, uma proteção simbólica ou uma filiação comunitária. Segundo Maciel (2021), essas marcas surgem de uma relação íntima com a natureza e com os ciclos da vida, utilizando pigmentos e instrumentos que materializam o vínculo entre corpo, ambiente e espiritualidade.

Com a colonização, entretanto, essas práticas foram violentamente estigmatizadas. A tatuagem, antes expressão de pertencimento, passou a ser vista sob o olhar moralista e higienista europeu, associada a corpos desviantes — marinheiros, presidiários, prostitutas, pessoas racializadas e dissidentes. Tal processo de marginalização do corpo tatuado faz parte de um projeto colonial mais amplo de controle e normatização das subjetividades (Kilomba, 2019). Marcar o corpo passou a ser um ato de desobediência, um gesto de insubmissão.

Ao longo do século XX, especialmente em contextos urbanos, as tatuagens reaparecem como **formas de resistência cultural e estética**. No entanto, essa resignificação ocorre de modo ambíguo: se por um lado há reconhecimento artístico, por outro há um esvaziamento simbólico, impulsionado pela cultura de massa e pelas redes sociais. O corpo, muitas vezes, deixa de ser território de experiência e passa a funcionar como vitrine de consumo (Venancio Júnior, 2019). Nesse contexto, o desafio é recuperar o sentido simbólico da tatuagem, compreendê-la não como tendência estética, mas como narrativa visual e existencial.

2.1. Corpo, memória e narrativa

Na perspectiva antropológica, o corpo é linguagem. Como lembra Le Breton (2019), “o corpo é o primeiro e mais essencial modo de comunicação humana”. Ele fala, sente, recorda e inscreve o tempo. A tatuagem, nesse sentido, é uma **escrita sobre a carne** — um texto visual que materializa memórias e afetos.

A antropologia do corpo permite compreender a tatuagem como dispositivo de subjetivação. Cada traço marca não apenas uma experiência individual, mas também os valores e tensões sociais que atravessam o sujeito. Quando uma pessoa escolhe tatuar-se, ela se narra e se posiciona no mundo. Essa inscrição é, ao mesmo tempo, íntima e pública; silenciosa e política.

Em sociedades marcadas pela efemeridade e pela exposição constante, tatuar-se pode ser compreendido como um ato de **permanência** — uma recusa ao esquecimento. Bell hooks (2017) afirma que “a prática crítica começa na implicação”, e é nesse lugar de implicação que a tatuagem se torna potente: ela não fala sobre o outro, mas com o outro; ela faz da pele um território de encontro entre memória e presença.

2.2. A tatuagem como linguagem e resistência

Resgatar a dimensão simbólica da tatuagem é também um gesto de resistência contra o apagamento cultural. Assim como os grafismos indígenas, os tecidos afro-diaspóricos e as marcas corporais ritualísticas, a tatuagem contemporânea é campo de disputa simbólica. O corpo marcado é um corpo que fala — e muitas vezes fala aquilo que o discurso social tenta calar.

Raíra Lima Pinheiro (2019) destaca que o corpo feminino tatuado continua sendo um campo de vigilância e julgamento, revelando como a autonomia estética das mulheres ainda é lida sob lentes patriarcais. No entanto, é justamente no ato de marcar-se que emerge uma forma de liberdade: inscrever no corpo a própria história é recusar-se a ser página em branco.

Tatuar é também reescrever-se. Como afirma Kilomba (2019), “escrever é tornar-se sujeito e não mais objeto”. A tatuagem, nesse sentido, é escrita visual e performática — um modo de reapropriação do corpo e da narrativa. A cada linha, afirma-se uma existência.

2.3. O design como mediação simbólica

O design gráfico, tradicionalmente voltado à comunicação visual e à funcionalidade, expande-se neste projeto para um território **ético, afetivo e narrativo**. Aqui, o designer atua como mediador entre a experiência subjetiva e a linguagem visual, transformando relatos e sentimentos em símbolos e formas gráficas.

Como propõe Quental (2009), a ilustração é um processo de “sentir-pensando”, no qual o gesto criativo traduz atmosferas e afetos em soluções visuais. Quando esse processo se associa à escuta, ele se torna uma prática de cuidado — uma forma de projetar não apenas imagens, mas também vínculos.

Grassine (2023) reforça que o design contemporâneo precisa reconhecer o lugar da subjetividade como fundamento da criação. A neutralidade projetual, idealizada pela tradição modernista, dá lugar à escrita implicada — aquela que assume o envolvimento do criador com o processo. Nesse sentido, o design é compreendido como gesto político e sensível, capaz de produzir imagens que carregam memória, ética e afeto.

Manzini (2015) acrescenta que o design pode operar como instrumento de transformação social quando se baseia em relações de confiança e escuta. A prática projetual deixa de ser técnica e passa a ser relação: um espaço de troca e reconhecimento mútuo.

2.4. Entre arte, design e antropologia

Ao unir os campos da arte, do design e da antropologia, este estudo propõe uma abordagem interdisciplinar que compreende o ato de tatuar como uma prática estética, simbólica e relacional. A ilustração, nesse contexto, atua como ponte entre o visível e o invisível, entre a experiência e a forma.

O corpo tatuado torna-se, então, um **artefato antropológico vivo**, onde se inscrevem memórias individuais e coletivas. Como nas etnografias sensoriais de Sarah Pink (2015), o corpo é entendido como lugar de conhecimento e narrativa — um arquivo de afetos.

Assim, tatuar e desenhar deixam de ser gestos técnicos e passam a ser gestos de **escuta e tradução simbólica**. A imagem não é apenas representação: é presença, é memória materializada. Nesse encontro entre corpo e design, a criação se torna processo de subjetivação e de resistência cultural.

3. Metodologia: Escuta, Coautoria e Tradução Simbólica

A pesquisa aqui apresentada fundamenta-se em uma metodologia **autoral e sensível**, orientada por princípios de **escuta ativa, coautoria e tradução simbólica**. Inspirada por perspectivas qualitativas e etnográficas, a metodologia foi concebida como um processo de criação compartilhada, em que o gesto artístico é indissociável da relação estabelecida entre artista e participante.

Ao propor a intersecção entre **design gráfico, arte e antropologia**, o projeto desloca o foco do resultado estético para o **processo relacional**, entendendo a criação como ato de cuidado e escuta. Como propõe Albuquerque (2019), nas pesquisas afetivas, o vínculo entre pesquisador e participante é parte essencial do conhecimento produzido: não se trata de observar à distância, mas de implicar-se, envolver-se e criar junto.

O método adotado articula, portanto, dimensões **etnográficas, narrativas e projetuais**, atravessando o campo do design para alcançar o da experiência humana. Abaixo, detalham-se as etapas que compuseram o percurso metodológico.

3.1. Etapa 1 — Convite e acolhimento inicial

O processo teve início com o convite aberto à participação, realizado tanto por redes sociais quanto por relações de afeto. As pessoas interessadas eram convidadas a preencher um **formulário de escuta inicial**, desenvolvido pela pesquisadora com o objetivo de instaurar um primeiro momento de introspecção e autorreflexão.

Esse formulário, longe de buscar respostas objetivas, funcionava como **dispositivo de escuta silenciosa**. As perguntas convidavam cada pessoa a revisitar suas memórias, gostos, símbolos e sentimentos que desejassem transformar em imagem. Assim, antes mesmo do primeiro encontro, o diálogo já começava a se formar, no tempo de quem responde, no silêncio entre uma lembrança e outra.

De acordo com Frascara (2004), o design comunicacional envolve não apenas a emissão de mensagens, mas também a escuta das experiências humanas que as sustentam. Nesse sentido, o formulário não foi uma ferramenta burocrática, mas uma primeira ponte afetiva entre pesquisadora e participante — um espaço de confiança, acolhimento e abertura simbólica.

3.2. Etapa 2 — Conversa aberta e escuta ativa

Com base nas respostas do formulário, cada participante era convidada a uma **conversa aberta**, realizada por chamada de vídeo ou áudio. Essa etapa representou o momento mais importante do processo, pois a escuta se consolidava como prática metodológica e ética.

Inspirada na abordagem interpretativa de Geertz (1978), a pesquisadora procurava compreender os significados não apenas das palavras, mas também das pausas, entonações e gestos. A conversa se transformava em um campo de observação sensível, onde o corpo e a voz tornavam-se parte da narrativa.

Essa etapa marca a passagem da coleta de dados para o **encontro humano**, no qual a artista e a participante constroem juntas uma relação de confiança. Escutar, aqui, é um ato político — é reconhecer o outro como sujeito e não como objeto de pesquisa.

3.3. Etapa 3 — Levantamento simbólico e ideação visual

Após a escuta, inicia-se o processo de **tradução simbólica**. A pesquisadora registrava palavras-chave, metáforas e imagens mentais que emergiam das narrativas, transformando-as em um **“briefing sensível”**, conceito adaptado do design gráfico, mas ressignificado aqui como mapa afetivo de símbolos e emoções.

Essa etapa envolvia o diálogo entre a intuição e o método: era o momento de identificar os elementos centrais da história e pensar como poderiam ser transpostos visualmente. O corpo, nesse ponto, deixava de ser mero suporte e tornava-se **campo de inscrição simbólica**.

Como observa Quental (2009), a ilustração é um processo que pensa e sente ao mesmo tempo. Ao trabalhar com os relatos, a autora buscava capturar não a literalidade da fala, mas o que pulsava por trás dela — aquilo que se dizia em silêncio.

3.4. Etapa 4 — Criação e devolutiva

Com os símbolos definidos, eram elaborados **esboços manuais e digitais** das ilustrações. Essas composições visuais eram apresentadas às participantes para apreciação e diálogo. A devolutiva constituía um momento de **coautoria explícita**: as participantes podiam sugerir ajustes, propor novas ideias ou reinterpretar a imagem que nascia de suas histórias.

Esse processo colaborativo reforça a dimensão ética da pesquisa. Não se trata de “falar pelo outro”, mas de **criar com o outro**, num gesto horizontal e empático. Como defende Escobar (2018), o design decolonial deve ser construído “com” e não “para” as pessoas. Cada troca reafirmava esse princípio, garantindo que o resultado final fosse uma síntese entre o olhar do artista e o universo simbólico da participante.

3.5. Etapa 5 — Aplicação da tatuagem

Após a aprovação da arte, era agendada a sessão de tatuagem. Este momento representava o ápice simbólico do processo: o instante em que a narrativa ganhava corpo.

A tatuagem era compreendida não apenas como técnica, mas como **ritual de passagem**. A aplicação da arte na pele simbolizava o fechamento de um ciclo de escuta, elaboração e ressignificação. Como argumenta Maciel (2021), ao pensar o corpo como projeto gráfico, o ato de tatuar ultrapassa o campo da imagem e torna-se uma experiência estética e existencial.

Durante a sessão, o ambiente era preparado com atenção à escuta e ao conforto da participante. O tempo do corpo era respeitado. Cada linha traçada era entendida como gesto de cuidado e reciprocidade.

3.6. Etapa 6 — Ilustração em papel e narrativa escrita

Após a tatuagem, o processo se desdobrava em dois novos suportes: o **papel** e a **palavra**. A pesquisadora produzia uma versão impressa da arte em formato A4, acompanhada de uma **narrativa escrita** que sintetizava poeticamente a história compartilhada.

Essa dupla entrega, imagem e texto, tinha o propósito de ampliar a permanência simbólica da experiência. Enquanto a tatuagem permanece no corpo, a ilustração e a escrita tornam-se registros tangíveis da memória, permitindo revisitar o gesto de escuta e criação.

3.7. Etapa 7 — Registro e publicação

Por fim, todas as etapas foram documentadas, com autorização das participantes, em registros fotográficos e textuais. O conjunto de histórias, ilustrações e reflexões dará origem a uma **publicação experimental**, configurada como livro de artista ou zine, em que cada narrativa ocupará um espaço próprio — visual, textual e afetivo.

Essa publicação não tem caráter comercial, mas simbólico. Ela visa à circulação afetiva das histórias, reafirmando a tatuagem e o design como linguagens de escuta e memória.

Assim, a metodologia desenvolvida configura-se como **etnografia poética e gráfica**, na qual o ato de tatuar é também o ato de pesquisar. O processo não busca generalizações, mas experiências singulares; não observa de fora, mas participa; não coleta dados, mas constrói encontros.

4. Resultados e Análises: Entre o Corpo, o Papel e a Memória

O processo de pesquisa resultou em um conjunto de experiências visuais e narrativas que revelam a potência da tatuagem como prática de escuta, coautoria e tradução simbólica. Cada encontro produziu não apenas uma imagem, mas uma relação — um espaço compartilhado de criação e reflexão sobre identidade, memória e corpo.

As análises apresentadas a seguir não buscam quantificar resultados, mas compreender **como cada imagem se tornou expressão de uma história**. Nesse sentido, a pesquisa se aproxima

de uma etnografia sensível, em que a ênfase está nos vínculos e nos significados emergentes do processo.

Entre as participantes, o caso de **Miya** foi selecionado como exemplo de aprofundamento analítico, por condensar as dimensões estética, simbólica e afetiva da metodologia proposta.

4.1. Miya: A magia de ser quem se é

A história de Miya iniciou-se a partir de um relato aparentemente leve: o amor por animações japonesas, especialmente os filmes do *Studio Ghibli* e a série *Star vs. As Forças do Mal*. No entanto, à medida que a conversa se aprofundava, emergiam camadas mais densas, memórias de repressão familiar, processos de autodescoberta e o desejo de libertar-se de padrões de comportamento impostos.

A figura de **Eclipsa**, personagem da série mencionada, assumiu um papel central na narrativa. Para Miya, Eclipsa simbolizava liberdade e autenticidade: uma mulher considerada “perigosa” por não se enquadrar nas normas de seu reino, mas que permanecia fiel a si mesma. Miya reconheceu-se nessa figura, identificando na personagem um espelho de sua própria trajetória de emancipação.

A conversa, guiada por escuta atenta e empática, revelou um percurso de silenciamento e reencontro. O corpo, antes contido, tornava-se agora território de afirmação. Como aponta hooks (2013), “a prática da liberdade começa no corpo que se permite existir”. Essa frase ecoa na narrativa de Miya, para quem o gesto de tatuar representava não apenas estética, mas libertação simbólica.

4.2. Tradução visual: da narrativa à imagem

A tradução da história de Miya em imagem envolveu a transformação de símbolos em composição visual. A partir dos relatos, foram identificados três eixos simbólicos: **aprisionamento, libertação e renascimento**.

O primeiro esboço da arte apresentava uma **mão adornada com um anel**, símbolo do controle familiar, segurando os fios de uma **boneca bailarina de corda** — representação da filha

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

idealizada e obediente. Dessa figura emergia uma segunda personagem, ainda em construção, com o rosto delineado apenas por traços-guia, evocando a ideia de identidade em formação.

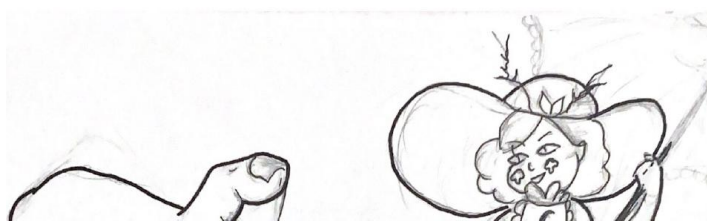


Figura 01: Primeiro esboço

Ao lado, surgia a figura de **Eclipsa**, libertando os fios e conduzindo a personagem principal para fora da prisão simbólica. Essa transição entre controle e liberdade configurava uma narrativa visual de autoconhecimento, em que o corpo da personagem se tornava o espaço da metamorfose.

A primeira versão digital da ilustração foi refinada em versão manual, desenhada com caneta sobre papel, a fim de preservar a expressividade do gesto e a materialidade do traço. O resultado final foi uma composição em movimento, na qual cada linha parece sugerir passagem, respiração e libertação.

Miya reconheceu-se imediatamente na imagem, descrevendo-a como “ver minha história sem precisar explicar nada”. Essa identificação espontânea confirma o potencial do método: a imagem não impõe um significado, mas devolve à participante o poder de reconhecê-lo.



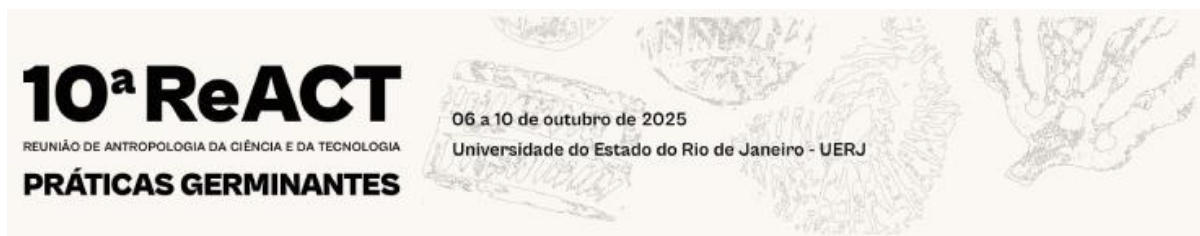


Figura 02: Arte final

4.3. A tatuagem como rito e inscrição simbólica

A sessão de tatuagem foi marcada como momento ritual. O local escolhido por Miya, a panturrilha, foi definido por ela como símbolo de movimento e autonomia. O ato de tatuar, portanto, não foi apenas técnico, mas performativo: o corpo se tornou palco de uma passagem entre passado e presente.

No contexto antropológico, tal experiência pode ser compreendida como um **rito de passagem simbólico**, nos termos de Van Gennep (1978): um processo em que a marca corporal expressa

a transição entre estados de ser. Ao tatuar-se, Miya não apenas registrou uma lembrança, mas também materializou uma transformação identitária.

Durante a aplicação, a conversa fluía com leveza, alternando silêncios e risadas. Cada pausa, cada respiração, reiterava a ideia de que tatuar é também escutar com as mãos. O corpo se tornava escritura viva.

A finalização da tatuagem representou o fechamento de um ciclo de escuta, confiança e criação compartilhada. Assim como Eclipsa libertou a bailarina, Miya libertava-se das amarras simbólicas que a contiveram por anos.

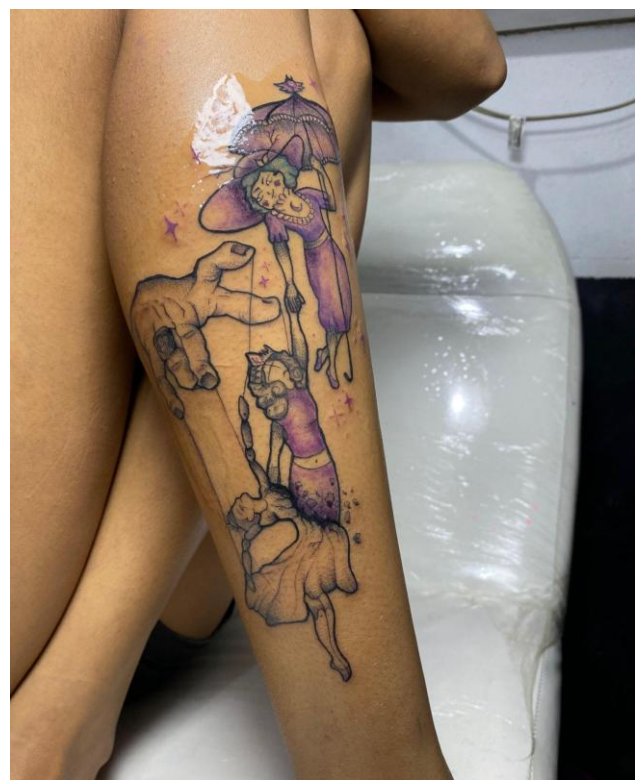


Figura 03 e 04: tatuagem na pele

4.4. O papel como extensão da pele: memória visível, afeto tangível

Após a tatuagem, Miya recebeu uma **versão impressa da arte** e um **texto narrativo** inspirado em sua história. A ilustração em papel assumiu outro tipo de presença — não mais corporal, mas contemplativa. Enquanto a tatuagem permanece inscrita na carne, o papel conserva a imagem como objeto de memória, permitindo novos olhares e significados.

Essa etapa expande o conceito de design como mediação. O papel atua como prolongamento simbólico da pele: uma superfície de memória que pode ser guardada, observada, compartilhada. Miya expressou o desejo de emoldurar sua ilustração, afirmando que gostaria de vê-la todos os dias como lembrança de força e liberdade.

Tal gesto revela o caráter **afetivo e estético do design enquanto prática de cuidado**. A imagem, ao circular entre corpo e papel, consolida-se como linguagem de escuta e reconhecimento.

4.5. A publicação como gesto coletivo

Os registros do processo — fotografias, ilustrações e narrativas — compõem a base de uma **publicação experimental** que articula design, arte e antropologia. Mais do que documentar resultados, a publicação pretende instaurar um **arquivo sensível de histórias**: um livro de artista que reúne fragmentos de escuta, traços e palavras.

Essa dimensão coletiva reforça a ideia de que o design pode operar como **campo de resistência e de afetividade social**. Como propõe Escobar (2018), desenhar é um ato de worlding — de criação de mundos possíveis. Assim, cada tatuagem, cada imagem e cada narrativa tornam-se microcosmos de existência e liberdade.

4.6. Análise interpretativa: o corpo como texto e testemunho

A partir da trajetória de Miya, compreende-se que a tatuagem, mais do que imagem decorativa, é **testemunho visual**. Ela articula o passado vivido e o presente reconstruído, funcionando como texto e como corpo ao mesmo tempo.

O corpo tatuado pode ser lido como documento etnográfico e estético, um arquivo de experiências subjetivas inscritas de forma indelével. Essa perspectiva dialoga com a noção de “corpo como projeto gráfico-vital”, proposta neste trabalho: um corpo que comunica, lembra e resiste.

Na experiência de Miya, a tatuagem operou como mediação entre dor e cura, entre silêncio e expressão. O processo artístico, por sua vez, revelou que o **design pode atuar como gesto**

terapêutico e relacional, produzindo não apenas objetos, mas também experiências transformadoras.

5. Discussão e Considerações Finais

O percurso desta pesquisa evidenciou que o **design, quando atravessado pela escuta e pela implicação subjetiva**, pode operar como uma prática profundamente humana — uma linguagem de mediação entre o visível e o invisível, entre o eu e o outro, entre memória e imagem.

Ao longo do processo, ficou evidente que **tatuar é também narrar**. A tatuagem, ao inscrever histórias na pele, transforma o corpo em um **território de resistência e permanência**. Em tempos marcados pela volatilidade das imagens e pela saturação visual das redes sociais, o gesto de marcar-se torna-se uma forma de desacelerar, de escolher o que permanecerá, de reivindicar a própria história como arte e testemunho.

5.1. Design como gesto ético e relacional

Esta pesquisa propõe um deslocamento no entendimento do design: de ferramenta técnica e funcional para **prática de cuidado e mediação simbólica**. O designer, nesse contexto, não é um criador isolado, mas um **escutador de mundos**. Sua função é traduzir experiências em formas que dialoguem com o sensível.

Como defende Manzini (2015), o design voltado à transformação social nasce de vínculos de confiança e da coautoria. Ao criar com base em escuta e relação, o ato projetual deixa de ser produção de objetos e se torna **produção de encontros**. Essa dimensão afetiva é também ética: envolve respeitar o tempo, os limites e as dores do outro.

Grassine (2023) propõe compreender o design implicado como um campo onde o pesquisador participa daquilo que investiga. Essa participação não compromete a objetividade, mas a enriquece, pois a transforma em **responsabilidade compartilhada**. No caso desta pesquisa, essa responsabilidade se manifesta em cada traço, em cada escolha estética e simbólica.

5.2. A tatuagem como escrita de si e resistência simbólica

A tatuagem revelou-se, ao longo deste trabalho, como uma **forma de escrita de si** (hooks, 2013; Kilomba, 2019). Cada linha marcada na pele é uma narrativa visual que confronta os apagamentos sociais, especialmente aqueles que incidem sobre corpos femininos, racializados, dissidentes ou não normativos.

Ao oferecer espaço para que histórias individuais se tornem imagens, o processo artístico proposto neste estudo contribui para o que bell hooks (1994) denomina “prática do amor” — um gesto político de reconhecimento e cuidado. Tatuarse, nesse sentido, é afirmar a própria existência diante de um mundo que muitas vezes tenta padronizá-la.

Essa compreensão insere a tatuagem no campo das **antropologias da experiência**, em que o corpo é não apenas objeto, mas sujeito de conhecimento. Como lembra Csordas (1990), o corpo é o “lugar da existência e da percepção”. Assim, tatuar-se é perceber-se, é construir uma presença visual de si no mundo.

5.3. A escuta como método e como ética

Escutar, neste trabalho, foi mais do que uma técnica de coleta de dados: foi uma **forma de estar com o outro**. Cada conversa, cada silêncio, cada pausa revelou dimensões do sensível que ultrapassam o discurso.

A escuta ativa, quando transposta ao campo do design e da arte, torna-se gesto de cuidado. Ela não visa apenas compreender, mas **acolher**. E dessa acolhida nasce a criação — uma imagem que não fala sobre a pessoa, mas **fala com** ela.

Albuquerque (2019) argumenta que pesquisas afetivas requerem estratégias de autocuidado por parte da pesquisadora, especialmente em contextos de vulnerabilidade emocional. Essa reflexão se mostrou fundamental ao longo do percurso: criar a partir de histórias de dor e resistência exige um equilíbrio entre envolvimento e preservação.

A escuta, portanto, foi também um aprendizado ético: reconhecer o limite, respeitar o silêncio e entender que, às vezes, não dizer também é forma de dizer.

5.4. Limites e potências do processo

O processo revelou desafios importantes. O primeiro deles foi o **tempo**: escutar, elaborar e criar são etapas que demandam lentidão e presença. Em um mundo acelerado, sustentar esse ritmo é, por si só, um ato político.

Outro limite foi a **carga emocional** envolvida. Escutar histórias íntimas implica em estar vulnerável junto ao outro. No entanto, foi exatamente dessa vulnerabilidade que emergiu a força do projeto: a possibilidade de transformar afetos em imagem, memória em forma, silêncio em cor.

Entre as potências, destaca-se a criação de um método **transdisciplinar e situado**, que une arte, design e antropologia em uma abordagem que é ao mesmo tempo estética, ética e existencial. A metodologia da escuta e da coautoria mostrou-se fértil não apenas para o campo das artes visuais, mas também para as ciências humanas, abrindo caminhos para novas formas de pesquisa e prática criativa.

5.5. Caminhos de continuidade

Como desdobramento, propõe-se a ampliação do número de participantes e o desenvolvimento de **oficinas e exposições** que explorem o potencial da tatuagem como narrativa coletiva. O projeto editorial que resultará desta pesquisa — um livro de artista que reúne histórias, imagens e reflexões — será o primeiro passo nessa direção.

A continuidade desse trabalho também passa por investigar outras manifestações gráficas de escuta e memória, ampliando o diálogo entre corpo e papel, entre o visível e o invisível.

Como sugere Escobar (2018), o design deve ser entendido como “fazer do comum”: uma prática que fortalece comunidades, subjetividades e afetos. Assim, tatuar torna-se mais do que um gesto estético, é um gesto de comunhão.

5.6. Considerações finais

Em síntese, o artigo apresentou uma proposta metodológica e estética que articula **tatuagem, design e narrativa** como práticas de escuta e afirmação identitária. A partir da análise do caso de Miya e das discussões teóricas sobre corpo e memória, compreende-se que o design pode operar como linguagem de mediação simbólica e afetiva.

O corpo, nesse contexto, não é superfície passiva, mas **arquivo vivo** de histórias. A tatuagem torna-se, assim, uma forma de resistência à efemeridade e um modo de reivindicar a autoria sobre si.

Conclui-se que a prática da escuta ativa, aliada à criação compartilhada, constitui um caminho potente para repensar o design contemporâneo como campo ético, poético e político. Tatuagem é, neste sentido, **um ato de amor e de existência** — uma escrita sobre a pele que traduz o desejo humano de permanecer, de narrar e de se reconhecer.

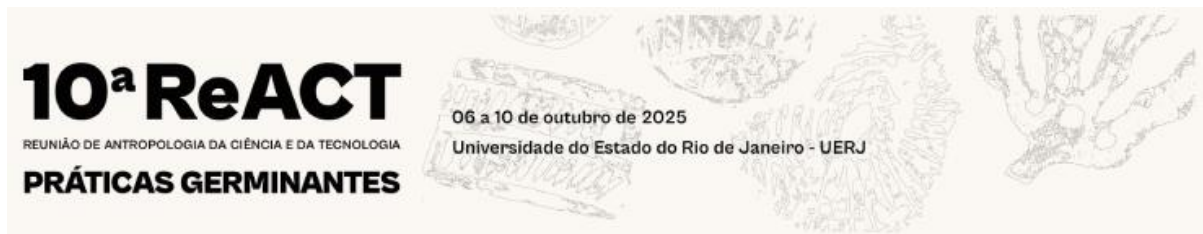
Referências

ALBUQUERQUE, Aline. *Pesquisa afetiva e o lugar da escuta nas metodologias acadêmicas*. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, v. 4, n. 10, p. 779–800, 2019.

ANNIBAL, Sérgio Fabiano; PAVAN, Maria Ângela. *Narrativas e biografia no corpo: tatuagem e o consumo de literatura, as novas performances no cotidiano*. *Signos do Consumo*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 1–15, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-5057.v14i1e198413>.

ESCOBAR, Arturo. *Designs para a pluriversidade: Radical interdependência, autonomia e o fazer do comum*. Tradução de Fernanda Nakagawa. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

FRASCARA, Jorge. *Design gráfico para a comunicação*. São Paulo: Rosari, 2004.



GRASSINE, Felipe; SOUZA, Yasmin; FERREIRA, Luan. *Escritas de si: estratégias de escrita em produções acadêmicas no campo do design*. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, Porto Alegre, v. 13, 2023.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Sandra Regina Haydu. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira e Coletivo Sycorax. 2. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2019.

MACIEL, Ana. *Tatuagem e design: o corpo como projeto gráfico*. *Revista Comunicação, Design e Cultura*, v. 8, n. 2, 2021.

MANZINI, Ezio. *Design, quando todos fazem design: uma introdução ao design para a transformação social*. São Paulo: Blucher, 2015.

PINHEIRO, Raíra Lima. *Mulheres tatuadas: corpo, arte e resistência*. Fortaleza: UFC, 2019.

QUENTAL, Cássia. *A ilustração no design gráfico: imagem, projeto e processo*. São Paulo: Rosari, 2009.

VENANCIO JÚNIOR, Geraldo. *Imagens automáticas: a estética dos algoritmos e a arte generativa*. São Paulo: Ubu, 2019.